

CAROLINA MARIA DE JESUS NA LITERATURA DO SÉCULO XX¹

Giovanna Cordeiro NUNES²

Licencianda em Letras-Português – IFSP/Campus São Paulo

RESUMO

O objetivo deste artigo é discorrer sobre algumas reflexões da escritora Carolina Maria de Jesus contidas na obra *Quarto de Despejo* e propor uma ressignificação da autora dentro do Modernismo Brasileiro. Para tanto, exporemos brevemente o contexto histórico e literário do século XX com a finalidade de contextualizar a obra de Carolina Maria de Jesus historicamente. Para isso, utilizaremos algumas reflexões de Alfredo Bosi sobre o Modernismo Brasileiro, apontamentos históricos de Nikolau Sevcenko sobre o século XX e, também, excertos do livro *Quarto de Despejo*, a fim de mostrar as observações sociais feitas por Carolina. Com isso, pretendemos sugerir que Carolina Maria de Jesus, apesar de pouco conhecida, é uma escritora bastante expressiva dentro da Literatura Brasileira

Palavras-chave: Carolina Maria de Jesus. Literatura Brasileira. Modernismo.

Introdução

O século XX foi palco de diversos acontecimentos, desde avanços tecnológicos até massacres que dizimaram muitas vidas. Nicolau Sevcenko (2001), em *A Corrida para o Século XXI*, entende que a humanidade, após os inúmeros avanços tecnológicos desencadeados pela Revolução Industrial, estaria no “loop da montanha-russa” no século XX. Após o otimismo por conta do progresso, “veio o mergulho no vácuo, o espasmo caótico e destrutivo, o horror engolfou a história: a irrupção da Grande Guerra descortinou um cenário que ninguém jamais previra” (SEVCENKO, 2001, p. 16).

O século XX viu acontecer a invenção da televisão, o primeiro computador, a pílula anticoncepcional, o automóvel e o avião, mas também viu a ascensão de Mussolini na Itália, o governo de Hitler na Alemanha, a Primeira e a Segunda Guerra

¹ Integrante do projeto de extensão **Literatura de Autoria Feminina**, sob orientação do Professor Charles Borges Casemiro (Edital n. 557/2016).

² Endereço eletrônico: nunes-gi@hotmail.com

Mundial, revoluções em diversos países, a crise da Bolsa de New York, a crise do petróleo, a ascensão e queda do Muro de Berlim, o começo e o fim da URSS, entre outras tantas façanhas modernas. Tudo isso contribui para a imagem do “loop da montanha-russa” sobre o qual discorre Sevcenko.

No Brasil, durante o mesmo século, assistiu-se também a diversos fatos relevantes para a nossa história, como, por exemplo, a Revolta da Vacina e a da Chibata, a Guerra do Contestado, o Governo Vargas, o início e o fim da Ditadura Militar, as *Diretas Já*, a atual constituição e alguns avanços sociais, como a criação da CLT e a regulamentação do voto feminino.

Em meio a todas essas ocorrências históricas, a literatura do Brasil do século XX se despedia do Simbolismo, do Parnasianismo e do Realismo, dando boas-vindas ao Modernismo. Essa transição literária do século XIX para o XX trouxe novos paradigmas para a literatura brasileira, pois até o fim do século XIX a nossa arte era importada, seguia os moldes de outros países, como Inglaterra e França. No entanto, com a chegada do Modernismo, marcada pela Semana de Arte Moderna de 1922, houve a preocupação de trazer “ideias estéticas originais em relação às nossas últimas correntes literárias” (BOSI, 1982, p. 339), fazendo, então, uma literatura verdadeiramente brasileira, uma literatura que teria como objetivo criticar a realidade social, mostrar as desigualdades sociais, mostrar o Brasil real aos brasileiros, e, nesse sentido, para expor o real, alguns autores aproximavam a escrita literária da linguagem oral.

Dentre os autores do Modernismo brasileiro, podemos citar Mário de Andrade, Oswald de Andrade, Manuel Bandeira, Graciliano Ramos, Carlos Drummond de Andrade, Guimarães Rosa, João Cabral de Melo Neto, Rubem Fonseca, Ferreira Gullar, Raduan Nassar, etc. os nomes masculinos fluem facilmente, entre tantos nomes de escritores consagrados. Porém, ao buscarmos o nome das escritoras modernistas consagradas, encontramos, mais comumente, apenas um pequeno punhado de nomes em toda a trajetória moderna brasileira: Cecília Meireles, Rachel de Queiroz, Clarice Lispector, Lygia Fagundes Telles. Em meio a tantos autores, o cânone modernista brasileiro, por meio dos manuais, histórias da literatura e salas de aula, recomenda e oferece a público apenas uma meia dúzia de autoras. O que nos leva a perguntar: Por que não as outras?

Nesse sentido, as pesquisas sobre a Literatura de Autoria Feminina em Língua Portuguesa visam, justamente, a buscar autoras e obras que não foram contempladas, nem reconhecidas ou foram consideradas como literatura de menor importância pelo cânone brasileiro, até o presente momento. É imperativo dizer que, em nossas pesquisas, nos deparamos com dezenas de escritoras do século XX no Brasil, mas, entre elas, gostaríamos de apresentar, mesmo que rapidamente, o trabalho de Carolina Maria de Jesus.

Para se entender melhor nossa escolha, valeria, entretanto, considerar que, quanto ao lugar ocupado na sociedade de classes brasileira, tanto os autores quanto as autoras do Modernismo brasileiro escreveram suas obras, quase que invariavelmente, de uma posição social privilegiada econômica ou culturalmente. Uma exceção, entretanto, a esta regra, foi a escritora Carolina Maria de Jesus, moradora da favela do Canindé, que desenvolveu uma carreira artística para tratar dos problemas sociais mais contundentes do Brasil e do seu tempo, a partir da perspectiva de quem os vivenciava cotidianamente.

Carolina Maria de Jesus

Carolina Maria de Jesus (Sacramento, 14 de março de 1914 – São Paulo, 13 de fevereiro de 1977) nasceu em Minas Gerais. Ainda bem moça, veio, entretanto, viver em São Paulo. De início, trabalhou como empregada doméstica, depois foi catar papel e outros objetos descartados que poderiam ser reaproveitados. Acabou indo morar na favela do Canindé, onde hoje passa a Marginal Tietê e onde está localizado o Canindé, Estádio da Portuguesa.

A partir do cotidiano que vivenciava, Carolina escreveu sua primeira obra, *Quarto de Despejo*, publicada em 1960.

Segundo a autora, a cidade era a sala de visitas e a favela era o quarto de despejo da cidade, onde eram guardados os trastes velhos, os favelados. Esse é o mote do livro: vemos o que acontece nesse quarto de despejo, a partir das mais variadas reflexões feitas por Carolina Maria de Jesus, uma narradora autobiográfica.

Uma das reflexões mais presentes ao longo dos relatos é sobre o sistema econômico. Logo na primeira página publicada do diário, datada de 15 de julho de 1955, Carolina diz “Atualmente somos escravos do custo de vida” (JESUS, 1960, p.

11). É constante na obra o peso que o capitalismo representava na vida de Carolina. Há diversos trechos em que ela coloca a necessidade de ter dinheiro para sobreviver como algo negativo, que a tolhe de aproveitar as coisas boas da vida, como no trecho: “Há várias coisas belas no mundo que não é possível descrever-se. Só uma coisa nos entristece: os preços, quando vamos fazer compras. Ofusca todas as belezas que existe” (JESUS, 1960, p. 43).

A fome é outra constante durante os relatos. A autora passava longos períodos sem comer e chegava a passar tão mal que dizia ver o mundo em tom amarelado. A relação da fome com a cor amarela é presente na obra inteira e o modo precário de viver de Carolina e seus três filhos, movido pela necessidade de conseguir alimento, é tema das passagens mais dramáticas do diário, como no relato de 16 de junho de 1959, que diz assim:

[...] hoje não temos nada para comer. Queria convidar os filhos para suicidar-nos. Desisti. Olhei meus filhos e fiquei com dó. Eles estão cheios de vida. Quem vive, precisa comer. Fiquei nervosa, pensando: será que Deus esqueceu-me? Será que ele ficou de mal comigo? (JESUS, 1960, p. 174)

Carolina se via, por vezes, em tal situação difícil de vida que chegava a ter pensamentos como os do trecho acima, de se matar e matar os filhos para cessar o sofrimento. A partir de seu drama particular, a autora nos faz refletir sobre o sistema econômico e como ele marginaliza diversas pessoas, revelando o funcionamento da sociedade de classes e do mundo capitalista, em sua essência. Evidencia a que ponto pode chegar uma pessoa pobre e marginalizada pelo sistema, por conta do desespero. A narradora-autora chega a pensar em findar com sua vida e com a dos filhos, principalmente por causa da fome.

Fora as diversas reflexões sobre a dureza da vida em relação ao dinheiro, Carolina Maria de Jesus também escreveu sobre racismo, como podemos ver no trecho a seguir:

... Eu escrevia peças e apresentava aos diretores de circos. Eles respondia-me:
– É pena você ser preta.
Esquecendo eles que eu adoro a minha pele negra, e o meu cabelo rustico. Eu até acho o cabelo do negro mais iducado do que o cabelo

de branco. Porque o cabelo de preto onde põe, fica. É obediente. E o cabelo de branco, é só dar um movimento na cabeça ele já sai do lugar. É indisciplinado. Se é que existe reencarnações, eu quero voltar sempre preta. (JESUS, 1960, p. 64)

Apesar de Carolina ter orgulho de ser negra, o racismo – como uma realidade brasileira – também foi utilizado para marginalizá-la. Algumas peças que ela escreveu foram rejeitadas para edição por ela ser negra.

Em *Quarto de Despejo*, a escritora também observa que os negros não ocupam muitos espaços na “sala de visitas”, exemplificando essa situação com a cena em que a narradora-autora vê vários homens brancos saindo de um campo de futebol, mas vê apenas um homem negro entre eles.

Carolina Maria de Jesus foi uma mulher muito observadora e anotava suas percepções sobre tudo e todos no diário, abertamente como uma forma de alívio ou arma de reação.

Um dos temas de destaque na obra da autora, a violência contra a mulher na favela, levou-a, inclusive, na junção entre ficção e realidade, a ter orgulho de se manter solteira, pois assim não precisaria sofrer nas mãos de um homem dentro de um relacionamento. É, portanto, sobretudo, na observação da realidade do outro que a autobiografista chega a uma imagem de si mesma:

Elas alude que eu não sou casada. Mas eu sou mais feliz do que elas. Elas tem marido. Mas, são obrigadas a pedir esmolas. São sustentadas por associações de caridade.

Os meus filhos não são sustentados com pão de igreja. Eu enfrento qualquer especie de trabalho para mantê-los. E elas, tem que mendigar e ainda apanhar. Parece tambor. A noite enquanto elas pede socorro eu tranquilamente no meu barracão ouço valsas vienenses. Enquanto os esposos quebra as tabuas do barracão eu e meus filhos dormimos sossegados. Não invejo as mulheres casadas da favela que levam vida de escravas indianas. (JESUS, 1960, p. 16)

Carolina demonstra, no excerto acima, alívio por não estar em um relacionamento em que é agredida, mas, com isso, acaba descrevendo solidariamente a vida das mulheres que são submetidas à violência advinda dos homens que são seus maridos.

Como se pode ver, *Quarto de Despejo* estrutura-se a partir de um mundo percebido em sua duplicidade: um mundo objetivado e observado e, ao mesmo tempo,

subjetivado e vivenciado no que diz respeito às suas dinâmicas sociais.

Tendo em vista, portanto, a obra *Quarto de Despejo*, podemos dizer que Carolina Maria de Jesus destoava do que o Modernismo mais importante propunha? Acreditamos que não.

Oswald de Andrade, aclamado autor Modernista, escreveu em *Manifesto da poesia pau-brasil* (1924) alguns preceitos que ele acreditava que as obras Modernistas brasileiras deveriam abordar. Principia do seguinte modo: “A poesia existe nos fatos. Os casebres de açafão e de ocre nos verdes da Favela, sob o azul cabralino, são fatos estéticos” (ANDRADE, 1924, p. 1). Mais adiante temos outro trecho que diz: “A língua sem arcaísmos, sem erudição. Natural e neológica. A contribuição milionária de todos os erros. Como falamos. Como somos” (ANDRADE, 1924, p. 1).

Falando dos fatos brasileiros e utilizando a linguagem do cotidiano foi que Carolina Maria de Jesus se pôs no centro da produção modernista. E nesse sentido, valeria observar: aquilo que Oswald de Andrade propôs como uma busca, como um esforço estético dos escritores, como afirmação da brasilidade, para se aproximarem da temática e da linguagem do cotidiano nacional, em Carolina Maria de Jesus se deu naturalmente, de modo mais verdadeiro, profundamente subjetivado. Ao procurar uma representação estética de sua experiência, Carolina Maria de Jesus não se fez modernista, ela já o era.

Conclusão

Observando, todavia, a relevância dos escritos de Carolina Maria de Jesus para a época do Modernismo, sobretudo, suas vivências e observações sociais, como escritora negra imersa na pobreza e na marginalidade, ficam as perguntas: por que ela desapareceu da história? Por que não entrou no cânone? Por que não falamos dela quando falamos de Modernismo brasileiro?

Não há uma resposta pronta, uma verdade única sobre o tema. Temos, porém, algumas hipóteses.

A primeira hipótese é a de que *Quarto de Despejo* surgiu com força no cenário literário da época em que foi publicado, por conta de ter sido considerado um objeto de curiosidade, um exotismo literário, já que seu autor era uma mulher, negra, moradora da

favela, mas que, passada a curiosidade e deglutido o exotismo, foi relegado ao esquecimento e recolocado no *quarto de despejo do cânone*.

A segunda hipótese, mais ousada, é a de que a escritora tenha sido apagada da história propositalmente na época da ditadura militar, tanto no Brasil, quanto fora do país, tendo a circulação de *Quarto de Despejo* censurada, por ser considerada uma obra subversiva. Há notícias sobre tal censura em Portugal.

Não é impossível, entretanto, que o apagamento de Carolina Maria de Jesus do cânone modernista brasileiro tenha se dado por uma combinação dos dois fatores citados acima.

O que fica, no entanto, é que se apagou da história literária brasileira uma artista completa – compunha e cantava, escrevia em diversos gêneros.

Quem dera, os estudos em Literatura de Autoria Feminina em Língua Portuguesa nos proporcionem brevemente um reconhecimento de todas as nossas autoras e, de modo especial, o reconhecimento dessa autora ímpar de raízes populares, Carolina Maria de Jesus e seu legado literário.

Referências

ANDRADE, Oswald de. O manifesto antropófago. In: TELES, Gilberto Mendonça. *Vanguarda européia e modernismo brasileiro: apresentação e crítica dos principais manifestos vanguardistas*. 3ª ed. Petrópolis: Vozes; Brasília: INL, 1976.

BOSI, Alfredo. Pressupostos Históricos. In: BOSI, Alfredo. *História Concisa da Literatura Brasileira*. São Paulo: Editora Cultrix, 1980. Cap. VII, p. 339-343.

JESUS, Carolina Maria de. *Quarto de Despejo*. São Paulo: Ática, s/d.

MANFRINI, Bianca Ribeiro. *A mulher e a cidade: imagens da modernidade brasileira em quatro escritoras paulistas*. 2008. 245p. Dissertação (Mestrado em Letras) – Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas, Universidade de São Paulo, São Paulo. 2008.

NASCIMENTO, Raquel Alves dos Santos. *Do exotismo à denúncia social: sobre a recepção de Quarto de Despejo, de Carolina Maria de Jesus, na Alemanha*. 2016. 238p. Dissertação (Mestrado em Estudos da Tradução) – Departamento de Letras Modernas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo. 2016.

SEVCENKO, Nicolau. Introdução. In: SEVCENKO, Nicolau. *A Corrida para o Século XXI: No loop da montanha-russa*. São Paulo: Editora Schwarcz, 2004. p. 11-17.

CAROLINA MARIA DE JESUS WITHIN THE LITERATURE OF THE 20th CENTURY

Abstract

The goal of this article is to talk about some of Carolina Maria de Jesus' reflections inside the title Quarto de Despejo and propose the importance of this author in Brazilian Modernism. Therefore, we will display briefly the historical and literary context of the 20th century aiming to contextualize Carolina Maria de Jesus historically. To achieve this, we will use some reflections from Alfredo Bosi about the Brazilian Modernism, Nikolau Sevcenko thoughts about the 20th century and, also, excerpts from the title Quarto de Despejo, in order to show the social observation done by Carolina. By these means we intend to suggest that Carolina Maria de Jesus, despite of not being well-known, is a meaningful author within the Brazilian Literature.

Key words: *Carolina Maria de Jesus. Brazilian Literature. Modernism.*

REGRASP (ISSN 2526-1045), v. 2, n. 2, abr.2017. Especial Literatura de Autoria Feminina